

# ARTIGOS

---

## O OURO MUÇULMANO DO VII AO XI SÉCULO

### As bases monetárias de uma supremacia econômica (1)

---

As conquistas muçulmanas do VII e VIII séculos não somente criaram um vasto império, que se estendia do Oceano Índico ao Oceano Atlântico; de tôdas as regiões conquistadas que, até então, pertenciam a áreas econômicas diferentes, Oriente sassânida, Império Bizantino ou Ocidente bárbaro — fizeram um novo domínio econômico, o mundo muçulmano, que sobreviverá ao desmembramento do Califado do mesmo modo que o mundo helenístico sobreviveu ao Império de Alexandre (2).

Do VIII ao XI século, êsse mundo muçulmano exerce, tanto sobre o Oriente como sobre o Ocidente, uma supremacia econômica incontestável. Deve-a principalmente à posse do ouro e ao valor universalmente reconhecido de sua moeda. O estudo dessas bases monetárias constituirá o assunto dêste artigo, que, assim, fará parte da grande pesquisa iniciada pelos *Annales* sobre o ouro, os instrumentos das trocas e a circulação monetária. Porque os muçulmanos são os donos do ouro? Qual o papel desempenhado pelo ouro muçulmano na História Econômica da Alta Idade Média? Eis formulado o problema.

#### I

O empobrecimento do Ocidente em ouro, a concentração desse precioso metal nas cidades comerciais do Oriente mediterrânico, a dominação do grande comércio pelos levantinos, senhores do ouro — eis aí três fatos que devem ligar-se fortemente e que dominam tôda a economia do mundo romano a partir do fim do II sé-

- 
- (1). — Artigo publicado na revista *Annales* (2.º ano, abril-junho de 1947, n. 2, pp. 141-160). Tradução gentilmente autorizada pelo Editor e pelo Autor. Texto francês traduzido por E. Simões de Paula.
  - (2). — Maurice Lombard trabalha, há alguns anos, em uma tese, que tudo indica ser notável, acerca de *O Mediterrâneo muçulmano do oitavo ao décimo primeiro século, estudo econômico*. Continua, ao mesmo tempo, seus estudos sobre a História Econômica da Alta Idade Média. Pedimos-lhe que, de certo modo, prefaciasse seus grande trabalhos, pintando o quadro de História Monetária, cuja riqueza e novidade vão poder apreciar-se. (Nota de Lucien Febvre).

culo. A crise do Império no III século, o abandono de Roma por Constantinopla, as invasões bárbaras na *Pars Occidentis* vão acentuar esse desequilíbrio na repartição do ouro entre o Oriente e o Ocidente.

O comércio que os negociantes levantinos, os *syri*, vêm fazer no Ocidente bárbaro é exclusivamente um comércio de importação: introduzem as custosas mercadorias orientais, tecidos, especiarias ou outros artigos de luxo e, em troca, levam ouro. Os países ocidentais, com efeito, nada podem oferecer, a não ser isso, aos centros do Oriente mediterrânico: nem artigos preciosos, nem afamadas especialidades, nem fornecimento maciço de produtos de grande consumo. E' simplesmente uma mina de ouro que os orientais exploram, que explorarão até o esgotamento, ou, pelo menos, até o momento em que a exploração não mais proporciona lucros suficientes e certos. Tal momento está a ponto de chegar no VII século. As provisões de ouro que o Oriente possuía diminuíram progressivamente: nenhum produto de troca havia para equilibrar uma balança comercial inteiramente deficitária, nem, também, minas de ouro que pudessem alimentar indefinidamente a corrente monetária que fluía em direção ao Oriente bizantino. Essa "longa sangria de ouro" e suas conseqüências monetárias foram plenamente analisadas por Marc Bloch.

A rarefação das moedas de ouro no Ocidente bárbaro, a diminuição de seu pêsô e a queda de seu título exprimem, em termos monetários, o fato econômico que acabamos de indicar: a fuga do ouro, sem compensação. O sôlido de ouro torna-se cada vez mais raro como moeda real. Desempenha, já, na maior parte do tempo, o papel de simples unidade monetária. O *triens*, ou têtço de sôlido, é a única moeda de ouro que circula efetivamente; é, no VII século, francamente má; seu pêsô é fraco, seu título, variável e sempre muito baixo; certas moedas "de ouro" são, na realidade, de prata "banhada a ouro". A prata, metal indígena, circula cada vez mais; o denário, que era, a princípio, simples moeda de trôco, tende a tornar-se a moeda dominante. Mas o grande comércio mediterrânico, prêsô ao ouro, não o aceita.

Sem ouro não há importações e periclita o comércio dos *syri*: as referências a sua atividade na Gália tornam-se, no VII século, cada vez mais raras. Uma região sêca, não irrigada por nenhum filete de ouro, da qual se retira o grande comércio, em que uma economia desgastada se organiza localmente, sob o signo da prata: tal é o aspecto do Ocidente bárbaro, nessa época.

\*

\* \*

Com o Império Bizantino chegamos ao verdadeiro domínio do ouro: em Bizâncio é mais comum o ouro do que a prata, e esta não desempenha mais que um papel secundário no sistema monetário. A cunhagem do ouro é sempre considerada como privilégio exclusivo do imperador dos romanos, e, de fato, afora as moedas cada vez mais decadentes, e que imitam o tipo bizantino, emitidas, no Ocidente, pelos soberanos bárbaros, é o *nomisma* a única moeda de ouro do mundo.

Onde se alimentam as oficinas de cunhagem de moeda de Bizâncio? Provisões já existentes? Chegada de ouro novo importado dos países produtores vizinhos? Entrada de ouro amoedado permitida pelo jôgo de uma balança comercial favorável? Bizâncio aproveitou-se dessas três fontes.

Algumas provisões de metal precioso se constituíram nas províncias orientais do Império, na bela época do grande comércio sírio-egípcio, quando o ouro romano se trocava maciçamente, nos mercados levantinos, pelas preciosas mercadorias da Ásia. Esse ouro não passava inteiramente para o reino dos partas e para os mercados do Oceano Índico: uma importante parte dêle era retida pela Síria e pelo Egito, "países-esponja", como são sempre os grandes países de passagem. Com o tempo, essas provisões de ouro permitiram a Bizâncio debelar as crises monetárias provocadas pelo progressivo enfraquecimento das correntes de ouro novo e das importações de moedas, em que se alimentavam suas oficinas de cunhagem.

Com exceção das minas da Dácia, que estavam perdidas para ela desde que as invasões bárbaras haviam submergido os países danubianos, as jazidas auríferas a que recorre Bizâncio, do V ao VII século, são sempre aquelas em que se abastecia o Mediterrâneo romano: ouro do Alto Nilo (Núbia e Etiópia do Norte), que entrava no Egito por Assuã; ouro da Armênia e do Cáucaso, que ia ter à costa da Cólquida e, por Trebizonda, atingia Constantinopla; ouro do Ural, que, por intermédio dos povos da estepe, caminhava até os estabelecimentos gregos do Quersoneso Taurico. No VII século, porém, não é regularmente mantido o contacto com tôdas essas regiões mineiras; a rota do ouro núbio é cortada pelos *blemmyes*, salteadores nômades que percorrem o deserto situado entre o Nilo, o Mar Vermelho e o maciço etiópico; a chegada do ouro da Armênia, do Cáucaso, do Ural é comprometida pelos redemoinhos de povos que agitam a estepe e pelo progresso da dominação e da influência sassânida nessas regiões.

No momento em que essa entrada de ouro novo do sul e do norte se torna cada vez mais precária e caótica, a corrente das moedas drenadas do Ocidente bárbaro pelo comércio dos *syri* está

a ponto de estancar-se. Vimos porquê: o comércio unilateral dos levantinos esgotou quase que por completo o ouro do Ocidente.

\*  
\* \*

Questão vital para Bizâncio era a do abastecimento de ouro: tôda a força de sua economia residia, com efeito, na exportação em massa de suas moedas para os mercados do Império Sassânida, da Ásia Central, do Oceano Índico, onde iam saldar as compras de mercadorias preciosas necessárias às indústrias do Império, ao luxo de suas grandes cidades e ao seu comércio de trânsito para o Ocidente. Uma corrente monetária muito forte, devida à própria estrutura das trocas, fugia do Império Bizantino para o leste; a ela devem acrescentar-se as grandes quantidades de ouro que o *basileus* devia entregar, como tributo, ao soberano sassânida: 20 a 30.000 peças de ouro, em cada um dos tratados concluídos entre gregos e persas, no VI e no começo do VII século.

Essa fuga do ouro bizantino para fora dos limites do Império, fuga externa, é acompanhada de uma verdadeira fuga interna, que também priva o circuito monetário de grandes quantidades de metal precioso: o entesouramento e, mais particularmente, o entesouramento eclesiástico. Os tesouros das igrejas e dos mosteiros, em Constantinopla, na Ásia Menor e, principalmente, no Egito e na Síria, encerram enormes reservas metálicas, numerário inativo e preciosas alfaias.

O afluxo de ouro, novo ou amoadado, que se vai enfraquecendo, não pode mais compensar essa dupla evasão de numerário. Rompe-se o equilíbrio entre as entradas e as saídas de ouro. Diminui o volume do ouro em circulação. Pode calcular-se que o estoque de ouro circulante, comparativamente às necessidades da economia bizantina, diminuiu de 20% entre o VI e o VII século. A essa diminuição da massa monetária ativa corresponde uma asfixia progressiva do grande comércio bizantino. O primeiro fenômeno acarreta o segundo. Para o Ocidente bárbaro, reduzem-se as exportações, por falta de volume suficiente de moedas ocidentais para serem importadas; definha o comércio dos *syri*. Para o Oriente sassânida, diminuem as importações, por falta de suficiente volume de moedas bizantinas para serem exportadas; o nomisma perde sua força ofensiva; o comércio grego, em consequência, abandona as posições que até então mantinha no Oceano Índico e nas estepes ponto-cáspicas. Há um recuo a oeste e a leste; progressivamente, o comércio bizantino e, com êle, o domínio do nomisma, isto é, o domínio do ouro, restringe-se à bacia oriental do Mediterrâneo, reduz-se a não ser mais que um ciclo de pequeno raio, balizado pe-

las praças de Alexandria, Antioquia e Bizâncio, que vive das provisões de ouro acumuladas nos dias felizes e que se esgota aos poucos.

Mesmo no interior dêsse domínio limitado, porém, a densidade em ouro, ouro entesourado ou circulante, não é igual por tôda parte; é maior na Síria e no Egito que em Bizâncio; a capital envia a suas províncias orientais mais ouro que o que delas recebe. Ao avizinhar-se a conquista muçulmana, o Egito e a Síria, com suas opulentas igrejas, suas produções industriais de luxo, sua classe comerciante hábil e rica, seus grandes portos e sua marinha ativa, são, de tôdas as partes do Império, aquelas em que subsistem os mais importantes estoques de ouro. Tais estoques passarão para as mãos dos muçulmanos.

Enquanto isso não aconteceu, êles permitiram a Bizâncio manter sua moeda. O nomisma, símbolo e principal instrumento do poder econômico e político de Bizâncio, é, constantemente, objeto dos atentos cuidados da administração imperial. O seu recuo quantitativo e geográfico não é acompanhado de um recuo qualitativo. O nomisma é sempre cunhado à razão de 72 por libra; é o sôlido da reforma constantiniana, o *solidus aureus* ou *denarion chrusoun*, do qual os muçulmanos farão sua moeda de ouro, o *dinar*.

\*  
\*

O Império Sassânida tem como único metal monetário a prata. A abundância e a riqueza das jazidas de prata que se sucedem, do norte do Irã, do Cáucaso à Ásia Central, explicam, sem dúvida, essa tradição monometalista que reina em tôda a Ásia Interior e que se opõe ao bimetalismo greco-romano da orla mediterrânea. Os partas já haviam afirmado essas tendências das populações irânicas. Não haviam cunhado nenhuma moeda de ouro, ao passo que se lhes deve grande quantidade de dracmas. Os sassânidas intensificaram, ainda, a fabricação de moedas de prata em todo o Oriente Médio, multiplicando suas oficinas de cunhagem da Mesopotâmia ao Indo, do Azerbaijã ao Khorassã.

No início do VII século, o desenvolvimento do comércio e a expansão sassânida em direção à Arábia e às estepes do Cáspio provocam ampla e intensa circulação de prata persa que se irradia para o sudeste e para o noroeste, ocupando as posições abandonadas pelo ouro bizantino no Oceano Índico e Rússia Meridional. Nas vésperas da conquista muçulmana, a dracma sassânida é, pois, a grande moeda do comércio para as regiões da Índia ao Cáspio. E' dessa dracma, *direm* em persa, que derivará o *dirhem* muçulmano, a moeda de prata dos califas.

Que acontecia, nesse domínio do monometalismo prata, com as enormes quantidades de moedas de ouro que afluiam incessantemente do Império Bizantino? As moedas bizantinas não circulam no Império Sassânida, do mesmo modo que as moedas romanas

não circulavam no Reino Parta: são fundidas e transformada em barras, jóias, alfaias preciosas de toda espécie, que se vão esconder nos palácios e haréns dos soberanos e dos grandes senhores persas. O ouro que transpunha a fronteira do Eufrates estava, pois, perdido para a vida das trocas. Papel de "país comedor de ouro": todo o metal monetário arrancado ao circuito mediterrâneo se imobiliza nos tesouros do Irã e da Mesopotâmia. E' ai que o encontrarão os conquistadores muçulmanos.

\*

\* \*

Ao avizinhar-se a invasão muçulmana, o mapa monetário apresenta, pois, nitidamente, três domínios que se opõem por sua desigual densidade em ouro e pelo metal de cunhagem por eles empregado:

O Ocidente bárbaro, quase que completamente esgotado em ouro, e no qual a prata tende cada vez mais a suplantar a moeda de ouro rarefeita e decadente.

O Império Bizantino, que, com sempre crescente dificuldade se alimenta do metal amarelo, mas que ainda possui importantes reservas, concentradas, principalmente, em suas províncias orientais, Egito e Síria, e que, graças às mesmas, mantém o seu nomisma, que continua sendo o único instrumento das trocas mediterrâneas.

O Oriente sassânida, em que reina a moeda de prata, que nele circula em grandes quantidades, e no qual, ao mesmo tempo, se acumulam enormes provisões de ouro entesourado.

As correntes monetárias entre êsses três domínios orientam-se, em última análise, de oeste a leste, perdendo o Ocidente seu ouro em proveito de Bizâncio e esta, em proveito do Oriente sassânida. O ouro arrancado por Roma às monarquias helenísticas, os tesouros dos atálidas, dos lágidas e dos selêucidas, as riquezas das cidades caravaneiras confiscadas por Aureliano à rainha de Palmira voltam aos seus países de origem, a Síria e o Egito, a Mesopotâmia e o Irã. A maré metálica que viera irrigar Roma e, por ela, todo o Ocidente, refluí para os países do Oriente, de onde partira. E a parte mais importante da onda vai imobilizar-se agora nos tesouros persas, onde fica perdida para a atividade monetária. Movimento linear de leste para oeste e, depois, de oeste para leste. O início do VII século corresponde a um momento já avançado dessa segunda fase, que começa no fim do II século. Vai-se para um completo desequilíbrio na repartição do ouro: penúria de ouro monetário nos reinos bárbaros e no Império Bizantino e superabundância de ouro entesourado no Oriente sassânida. Vai-se, também, para uma vitória da prata: diminuição do vo-

lume de ouro em circulação e limitação do seu domínio geográfico entre o da prata sassânida, que se desenvolve vitoriosamente a leste, e o da prata bárbara, que se estabelece a oeste. Três causas explicam tal evolução: o entesouramento, a fraqueza e a irregularidade da produção das minas, e, principalmente, o caráter linear e de sentido único que a balança comercial impõe às correntes monetárias.

As conquistas muçulmanas, agindo sobre esses três fatos: entesouramento, chegada de ouro novo, traçado das correntes monetárias, sustarão a evolução iniciada e farão com que a mesma se dirija em outro sentido e segundo outro delineamento.

## II

Os países conquistados pelos muçulmanos em seu primeiro e rápido avanço são aqueles em que se acumulou o ouro do mundo: os "países comedores de ouro" (Mesopotâmia e Irã sassânidas) e os "países-esponjas" (Egito e Síria bizantinos). O primeiro efeito da conquista será devolver à circulação monetária as grandes quantidades de ouro acumuladas nos palácios persas e nos mosteiros gregos.

A importância dessa presa na vida econômica, com tudo o que ela implica em bruscas modificações no equilíbrio monetário e econômico — acréscimo da possibilidade de cunhagem, diminuição do valor dos metais preciosos, ascensão vertical dos preços, impulso no grande comércio — já foi acentuada: saque de Alexandre na Ásia, dos romanos no Oriente, dos cruzados na Síria, dos conquistadores na América... O que se passou, porém, no momento das conquistas muçulmanas, teve conseqüências tão consideráveis quanto essas: basta pensar-se no enorme volume de metais preciosos acumulados nos tesouros dos soberanos sassânidas e que um instante de pilhagem lançou em circulação. O ouro inativo, subtraído à vida monetária pelo entesouramento asiático, era devolvido ao seu uso mediterrâneo: a moeda.

O ato de se repor em circulação as riquezas acumuladas nas igrejas sírias e egípcias operou-se mais lentamente. A administração muçulmana, a princípio, nada mais fez que continuar o regime bizantino: como outrora, os clérigos foram isentos da capitação, e os bens eclesiásticos excluídos dos recenseamentos oficiais. A partir, porém, do califado de Abd al-Malik (685-705), os membros do clero foram, como os demais súditos, obrigados ao pagamento anual de uma peça de ouro *per capita*, e os bens das igrejas submetidos a pesados impostos. No fim do VII século, a fim de enfrentar encargos cada vez maiores, os mosteiros sírios tinham que

empenhar até mesmo os seus vasos sagrados, e, no século IX, no Egito, o patriarca Miguel via-se constrangido a vender os bens pertencentes à igreja de Alexandria e mesmo a ceder aos judeus um lugar para o seu culto em Foustât. As dificuldades materiais com que lutam, então, as igrejas da Síria e do Egito, tão ricas na época bizantina, provam eloqüentemente o desenvolvimento: do VIII ao IX século, tiveram que recorrer sucessivamente ao numérário encerrado em seus tesouros, depois, às suas preciosas alfaias, e, finalmente, às suas herdades e outros imóveis. Todo o ouro que elas haviam entesourado foi assim devolvido à circulação geral.

Havia, enfim, outra fonte de riquezas inativas que os conquistadores do Egito deviam explorar: os tesouros escondidos nos túmulos faraônicos. A partir do IX século e até o XI, as crônicas árabes referem-se freqüentemente a importantes achados. Segundo o historiador Ibn Hammâd, êsses descobrimentos deram origem às riquezas e ao luxo dos fatímidas: "Tiveram os seus recursos, escreve êle, dos tesouros que Al-Hâkim retirara do solo dêsse Egito em que, na Antiguidade, abundavam os templos, os túmulos, as grandes cidades. Para isso recorriam à astrologia..." Tôda uma literatura trata da busca dos tesouros, dos indícios que podiam encontrar-se nos monumentos antigos, das influências astrológicas que deviam ser observadas, das conjurações e das palavras mágicas próprias para se diligenciar o descobrimento dêsses preciosos depósitos. De tôda parte vinham escavadores, do Mahgreb, da Síria. A partir de Ibn Toûlouïn (868-883), as escavações foram dirigidas pelas autoridades: os *matâlib* ou "procuradores de tesouros" constituíram uma verdadeira classe profissional e, a êsse título, ficaram sujeitos ao impôsto sôbre as corporações: o quinto dos achados cabia ao soberano, e as pesquisas deviam fazer-se, daí por diante, na presença de um representante do emir. Teria essa regulamentação sido decidida em seguida ao descobrimento casual, na época dêsse príncipe, de um tesouro avaliado em um milhão de dinares? Um milhão de dinares, isto é, cêrca de quatro mil quilogramas de ouro. Não acusemos de exagêro "oriental" o cronista que nos relata êsse fato: em nossos dias, o pêsso do ouro fino dos objetos retirados do túmulo de Tutankhamon foi avaliado no dôbro da importância do encaixe metálico do Banco Real do Egito! Não existindo, ainda, o "entesouramento arqueológico", não se deve desprezar a contribuição que, para a possibilidade de cunhagem do mundo muçulmano, representam os achados feitos no solo antigo do Egito.

VII-VIII séculos, período das conquistas: saque.

VIII-IX séculos, período de organização administrativa: nova entrada, no circuito monetário, dos metais preciosos acumulados nos tesouros das igrejas.



IX-XI séculos, período de pesquisas sistemáticas no Egito: busca das riquezas encerradas nos túmulos faraônicos.

A reposição em circulação, dêsse modo escalonada, de grandes quantidades de ouro no Próximo e Médio Oriente constitui um dos fatos capitais da História Econômica da Alta Idade Média. Em uma época em que o volume do ouro novo extraído das minas não é ainda muito considerável, ela equivale ao descobrimento de novas jazidas metálicas. Também no domínio da exploração das minas, porém, devia a conquista muçulmana assinalar uma etapa decisiva.

\*  
\* \*

A dominação e o comércio muçulmano crescem na direção de tôdas as grandes regiões auríferas da Ásia e da África, cuja produção não tardam em drenar quase que inteiramente: para o Cáucaso e para a Armênia, donde é expulso o comércio bizantino; para as estepes ponto-cáspicas, antecâmara do Ural; para a Ásia Central, na direção das minas do Altai, onde o Islão estende sua influência sôbre as populações turcas; para o vale do Indo e a costa do Malabar, onde chega o ouro do Tibete e do Decão; para a costa oriental da África, onde os navios árabes vêm carregar o ouro trazido do interior; para a Núbia e para o norte da Etiópia, para onde, desde 651, o governador do Egito faz partir expedições contra os salteadores bedjas (os *blemmyes* dos autores antigos). Em 654, Dongola, principal entreposto do comércio de ouro etíope, é ocupada, sendo concluído um tratado com os núbios: êstes se comprometiam a deixar a fronteira aberta a todos os muçulmanos, comerciantes ou pesquisadores de ouro. A infiltração de prospectores e comerciantes que acorriam de todos os pontos do mundo muçulmano intensifica-se, então, em direção ao "País das minas", e o geógrafo Yaquoubi, no século IX, descreve a febril atividade dos campos auríferos do Alto Nilo: "O uadi Allaki é como uma cidade imensa, muito povoada de tôda espécie de individuos árabes e não árabes, todos pesquisadores de ouro". Durante o período dos fatimidas, são os próprios agentes do califa que dirigem os grupos de escravos encarregados da extração. Voltou-se aos belos tempos da exploração ptolemaica.

A extensão do seu domínio sôbre todo o norte da África, porém, devia permitir aos muçulmanos captar uma fonte muito mais importante, que iria alimentar a principal corrente de ouro novo em direção ao Mediterrâneo, do IX ao XV século: a do Sudão.

Após a introdução do camelo na África Setentrional, pelo II século d. c., as tribos berberes do interior haviam progredido em

direção ao sul, através do Saara: haviam-se apoderado, aos poucos, do deserto, construído os oásis, e, finalmente, estabelecido o contacto com a orla sudanesa. A conquista do Maghreb pelos muçulmanos, o estabelecimento do seu domínio sobre as tribos berberes e a extensão do seu comércio em direção ao sul deviam unir essa rede de comunicações do Saara ao domínio mediterrâneo e permitir que se organizasse o encaminhamento do ouro do Sudão pelas pistas do deserto, em direção aos mercados da África do Norte. Sidjilmâsa, fundada no Tafilelt, em 757-758, foi a grande cidade caravaneira, o pôrto de chegada do comércio sudanês: cada outono de lá partia a "caravana do ouro". No X século, as taxas que lá eram cobradas sobre as importações do Sudão proporcionavam ao Tesouro 400.000 dinares por ano.

Paralelamente a essa linha ocidental — Sidjilmâsa, Tichit, Sudão, — não tardou que se travassem outras relações, de Ouargla, em direção ao cotovêlo do Níger, pelo Tidikelt: mais para o leste ainda, algumas pistas reuniram o Djerid e Trípoli a Gadamês, ao Air e ao Sudão. São essas as três estradas do ouro no Saara. Para o domínio do seu ponto terminal no Maghreb, trava-se luta cerrada entre os diferentes Estados do Ocidente muçulmano, e aí temos um fio condutor para guiar-nos na confusa história da Idade Média norte-africana. No século IX, os omíadas de Córdoba conquistam a quase-vassalagem das pequenas dinastias berberes do Maghreb ocidental e a respeitosa amizade dos rostêmidas de Tahert, cuja autoridade ou influência se estendem do Djebel Nefusa até Sidjilmâsa, passando por Ouargla; significa isto que praticamente dominam as saídas de tôdas as pistas do Saara. Nos primeiros anos do X século, porém, os fatímidas, depois de se haverem apoderado da Ifríqiya, do Djerid e Trípoli, destroem o principado de Tahert e ocupam Sidjilmâsa; são, por algum tempo, senhores de tôdas as estradas do ouro, o que lhes permite constituir importantes reservas de metal precioso para a execução do seu grande projeto: a conquista do Egito. Podem dedicar quantias consideráveis à sua propaganda no vale do Nilo e, por ocasião de sua última e vitoriosa invasão, transportar para o Egito mil cargas de ouro para as despesas de pronto estabelecimento. A partir desse momento, é o mercado egípcio invadido pelos dinares *maghrebis*, que, ainda no século seguinte, são admirados pelo viajante persa Nasiri-Khosrau. No decorrer do X século, conseguem os omíadas reasumir o contrôlo da rota ocidental, continuando os fatímidas a ser senhores das rotas orientais: o fluxo do ouro sudanês biparte-se, e é, a oeste, o apogeu do califado de Córdoba, e, a leste, do califado do Cairo. No século XI, ao longo da rota ocidental do ouro, do Sudão a Marrocos, e, depois, na Espanha, propaga-se a conquista almorávida; mantendo estreito contacto com a orla sudanesa, os almorávidas poderão cunhar, em grandes quantidades, os belos *marabotins* que serão disputados pelos países do Ocidente cristão

até o dia em que os navios italianos vêm abastecer-se diretamente, em Mers-el-Kebir, de ouro novo do Sudão. Durante esse tempo, na outra extremidade da África do Norte, a invasão hilállica da Ifriqiya interrompe as rotas que, pelo Saara Ocidental, Djerid e Trípoli, abasteciam o domínio fatímida de metal do Sudão; desse modo, ela separa do Eldorado sudanês o Egito e, com este, todo o Oriente muçulmano, e isto não é estranho ao enfraquecimento dessas regiões, do que se aproveitarão os turcos e, depois, os cruzados; por outro lado, a invasão hilállica, isolando do resto do mundo muçulmano a bacia ocidental do Mediterrâneo, favorecerá os empreendimentos comerciais de Gênova nas costas da Berbéria e lhe permitirá, no século XII, desviar o ouro do Sudão em proveito do Ocidente cristão. Quer, porém, se dirijam para o Egito, quer para a Espanha, é a território muçulmano que chegam, até o fim do século XI, as correntes de ouro novo que partem da África Ocidental.

Com a nova entrada em circulação do ouro entesourado, a exploração de tôdas as antigas jazidas auríferas conhecidas no Oriente muçulmano e a chegada do ouro do Sudão ao Ocidente muçulmano: tornam-se os muçulmanos os senhores do ouro.

\*  
\* \*

Tal posição proporciona ao mundo muçulmano imensas possibilidades de moedagem, possibilidades tais que nem as monarquias helenísticas, nem o Império Romano, nem, com mais forte razão, o Império Bizantino, o Império Sassânida ou os reinos bárbaros do Ocidente jamais conheceram. As oficinas de cunhagem multiplicam-se do Irã à Espanha. Consideráveis quantidades de moedas de ouro e de prata são cunhadas pelos califas e, após o desmembramento do Califado, por todos os soberanos dos diversos Estados muçulmanos.

O tipo monetário muçulmano, todavia, não se estabelece imediatamente. Deve-se isto, certamente, ao caráter tradicional que o comércio sempre dá a seus instrumentos de troca. Logo após a conquista, as moedas de ouro bizantinas e as de prata sassânidas continuaram a circular cada qual em seu próprio domínio, e as moedas cunhadas pelos conquistadores não foram, a princípio, mais que imitações delas. Foi o califa omíada Abd al-Malik o primeiro que, lá pelo ano de 694, cunhou moedas de tipo muçulmano: o nome do califa, seus títulos e piedosas legendas substituíram a efígie do *basileus* no ouro e a do soberano sassânida, na prata; as antigas moedas foram gradualmente retiradas da circulação, refundidas e marcadas com o cunho da reforma. E' a essa nova moeda que algumas de nossas fontes orientais dão o nome de *man-*

*qoucha*, “a gravada, a nova”, têrmo que, sob as formas *mancus*, *mancussus*, *mangons*, etc..., devia ter grande extensão em todo o Ocidente cristão. Estava criada a moeda muçulmana; o dinar substituiu o sôlido de ouro bizantino, o dirhem tomava o lugar da dracma de prata sassânida; estabelecia-se entre essas duas unidades uma relação fixa, o que unia estreitamente o sistema monetário bizantino do ouro ao sistema monetário persa da prata.

As três antigas áreas de circulação, todavia, ainda não se fundiam: nas listas do impôsto, os rendimentos das províncias ocidentais (antigo domínio bizantino) são expressos em ouro, e os das províncias orientais (antigo domínio sassânida), em prata; as oficinas de cunhagem espanholas (antigo domínio visigótico) emitiam apenas dirhems. No decorrer do IX século, porém, dá-se profunda mudança: a cunhagem do ouro, limitada, até então, às oficinas da Síria e do Egito, descentraliza-se, propaga-se em direção a leste, a Bagdá, e, depois, a tôdas as grandes cidades da Mesopotâmia e do Irã, — e, para o oeste, à África do Norte, à Sicília, à Espanha. Nas listas do impôsto do princípio do X século, os rendimentos de tôdas as províncias do Império abássida, tanto orientais como ocidentais, são expressos em ouro. Pela mesma época, os omíadas de Córdoba põem-se, também, a cunhar dinares. Os fatímidas, de seu lado, intensificam sua moedagem de ouro, criando, ao lado do dinar, o quarto de dinar, *roub'*, de ouro, do qual emitem enormes quantidades na Sicília; essa pequena moeda, conhecida no Ocidente cristão pelo nome de *tarim*, devia dominar tôdas as margens do Mar Tirrênio até o XII século.

Assim, do norte da Índia até a Andaluzia, o ouro é cunhado, o ouro circula. A brilhante civilização muçulmana, civilização material e, também, em uma palavra, civilização, a que se denominou “renascença do Islão”, com seus artistas, seus sábios, seus pensadores, suas cidades prediletas — Bagdá, o Cairo, Córdoba —, é como que dirigida sôbre essa vaga de ouro. O dinar tornou-se a principal moeda do mundo muçulmano, moeda real do grande comércio e moeda unitária para a avaliação dos impostos; o dirhem não é mais que dinheiro miúdo ou instrumento das pequenas transações locais. O domínio monetário do ouro, ou, mais exatamente, do bimetalismo mediterrâneo, anexou, a leste, os países em que até então reinava o monometalismo prata, e, a oeste, aqueles em que o mesmo acabava de implantar-se. Essa vitória do ouro no decorrer do IX século, sua progressiva extensão a todo o mundo muçulmano, seu crescimento em direção ao Oriente e ao Ocidente, fora do domínio restrito em que estava contido no VII século, como não os ligar a êstes dois fatos capitais: a nova entrada em circulação do ouro entesourado e a chegada do ouro do Sudão?

### III

O numerário que, por tôda a parte, circula no mundo muçulmano, aí não permanece inteiramente limitado: uma parte importante dêle foge, espalhando-se pelos domínios econômicos vizinhos. Essa exportação de metais preciosos, sob forma de moedas, constitui uma fôrça para o comércio muçulmano. Por ela se irradia o poder dos grandes centros de Bagdá, de Foustât-Cairo, de Córdova, de Palermo. Por ela também, o mapa geral dos domínios e das correntes monetárias, tal como a traçáramos para o início do VII século, vai passar por profundas modificações. E' então que principia o que se pode chamar o papel mundial do ouro muçulmano.

Para se avaliar sua importância, é preciso acompanhar-se o caminho das moedas muçulmanas nas rotas da Ásia e da Europa. o exame da balança comercial entre o mundo muçulmano e os países circunvizinhos, o traçado dos itinerários comerciais em mapa, o assinalamento dos achados de dinares e dirhems fora das terras islâmicas proporcionar-nos-ão os elementos da pesquisa. Dêste ponto-de-vista, três horizontes se nos apresentam: o horizonte oriental, o horizonte bizantino e o horizonte do Ocidente bárbaro.

Por tôda a sua frente oriental — Ásia Central, Gôlfo Pérsico, Mar Vermelho — o domínio muçulmano deixa fugir grandes quantidades de numerário. Bagdá e Foustât-Cairo continuaram, dêsse lado, a obra do grande comércio sassânida e alexandrino: comércio de importação dos preciosos produtos da Índia, da Insulindia e do Extremo-Oriente, que necessita de grandes saídas de numerário em direção leste. O dinar espalha-se rapidamente em tôda a parte ocidental do Oceano Índico, desde o Ceilão e a costa do Malabar até Socotora e Madagascar: no X e XI séculos, o ouro abássida, que chega pelo Gôlfo Pérsico, e o ouro fatímida, que chega pelo Mar Vermelho, aí dominam todos os mercados de passagem.

De que ouro são feitos êsses dinares fatímidas que foram encontrados em Madagascar? De algum cálice de mosteiro egípcio, de alguma estátua faraônica ou de "tibr" do Sudão? Foi o excedente de ouro exportável para os países do Oriente-Próximo que permitiu o prodigioso desenvolvimento da navegação árabe nos mares do sul.

Nessas regiões, o dinar tomou o lugar que, no VI século, era ocupado pelo nomisma bizantino, e, no VII, pelo dirhem sassânida, avançando mesmo, para o sul e para leste, mais longe que seus antecessores. Após o intervalo da prata sassânida, devido ao impulso persa em direção à Arábia meridional, em que ela conseguira cortar a rota ao tráfico alexandrino, tôda essa zona comercial

imensa, a zona das Monções, estava novamente ligada ao domínio monetário do ouro e, por conseguinte, estreitamente unida à economia mediterrânea.

\*  
\* \*

Do lado do Império Bizantino, a balança comercial apresenta caráter inteiramente diferente. Aqui, é o Oriente muçulmano que exporta ou reexporta as mercadorias asiáticas, que só por êle podem transitar, e é em seu proveito que, em troca, se estabelece forte corrente de ouro bizantino.

Todo o mercado de importação de Bizâncio está, com efeito, na dependência do Oriente muçulmano, de maneira muito mais estreita do que estava em relação ao Império sassânida; e são, como outrora, as exportações maciças de ouro que lhe permitem adquirir nos mercados do Oriente os preciosos produtos de que dependem, ao mesmo tempo, o seu luxo e toda a sua atividade industrial e comercial. A essa continua hemorragia de ouro, que o apêlo aos produtos orientais provoca, veio juntar-se, por todo o fim do VIII e começo do IX século, um tributo anual de 70 a 90.000 soldos de ouro que o basileus devia pagar a Bagdá.

A posição monetária de Bizâncio, diante do mundo muçulmano, não parece ser melhor que sua posição comercial. A perda da Síria e do Egito privou-a das provisões de metais preciosos que essas duas províncias ainda possuíam na véspera da conquista muçulmana. Ela não mais tem acesso às fontes de ouro novo, dominadas, daí por diante, pelos muçulmanos. No fim do VII século, a reforma de Abd al-Malik fêz com que surgisse diante do nomisma um temível concorrente: o dinar. O enfraquecimento do título do nomisma e a acentuação da baixa dos preços, baseada no ouro, no fim do VII século e no começo do VIII, comprovam a sempre crescente raridade dos metais preciosos e as dificuldades com que, em consequência, luta a economia bizantina. Como explicar-se, então, a reconstituição das provisões de ouro que se verifica em Bizâncio desde o fim do VIII século, provisões que assumem enormes proporções do IX, X e XI séculos, e que permitem o reerguimento do título do nomisma, a invasão da tendência dos preços, o rápido desenvolvimento do comércio e das indústrias?

Ouro inativo, restituído à vida monetária? Chegada de ouro amoeado, permitida por uma balança favorável em outras frentes comerciais que não a muçulmana? Uma e outra coisa, ou, mais exatamente uma revezada pela outra.

A crise iconoclasta, de 726 a 842, teve como consequência a volta de grande parte das riquezas acumuladas nas igrejas e mosteiros bizantinos à circulação. Aconteceu, então, em Bizâncio, o que vimos produzir-se, na mesma época, no mundo muçulmano, e

o exemplo dado pelos califas não devia ter deixado de influir na política dos imperadores iconoclastas em relação a êsse assunto. O volume de metal precioso devolvido ao seu uso monetário pelas espoliações dos isaurianos, porém, não é comparável ao que os califas tinham que arrancar aos ricos tesouros eclesiásticos da Síria e do Egito; nada mais fêz que permitir a Bizâncio suportar sem transtornos os dias difíceis, reanimando um pouco a sua combalida economia e contribuindo para a manutenção do nomisma diante do seu novo rival: o dinar; é insuficiente para explicar o contínuo desenvolvimento da vida econômica e a circulação de ouro, cada vez mais intensa, que se verifica em Bizâncio do IX ao XI século.

Outro fato, de ação mais lenta, mas mais regular, veio, a partir do IX século, revezar-se com o afluxo de ouro, momentâneo e limitado, provocado pela crise iconoclasta: recomeça a exportação dos produtos preciosos da indústria bizantina para o Ocidente bárbaro e, com ela, a reexportação de parte das mercadorias compradas por Bizâncio no Oriente muçulmano. Em outros termos, o mercado ocidental que, progressivamente, do VI ao VIII século, quase se fechara, reabre-se, e cada vez mais amplamente, para as mercadorias provenientes de Bizâncio ou que por ela transitam.

Essas exportações e reexportações para o Ocidente realizam-se quer por intermédio das marinhas italianas de Amalfi, de Salerno, de Gaeta, de Bari, e, principalmente, de Veneza, quer por intermédio dos comerciantes russos (escandinavos) que, de Kiev, descem o Dnieper e atingem Constantinopla pelo Mar Negro. Uns e outros introduzem em Constantinopla mercadorias de pouco valor, principalmente víveres para a grande cidade, e de lá trazem produtos preciosos e muito caros, tecidos de sêda, púrpuras, especiarias e outros artigos de luxo, que redistribuem por todo o Ocidente. Os venezianos não pagam mais que dois soldos de ouro de taxa de entrada, ao passo que têm que pagar quinze soldos à saída; essa proporção de dois para quinze representa, de um modo geral, a relação de valor entre as importações de Bizâncio e suas exportações para os portos italianos. O mesmo acontece do lado dos rios russos, onde, no fim do X século, Vladimir de Kiev cunha moedas de ouro para as necessidades de seu comércio com Bizâncio. Uma dupla corrente de ouro penetra, pois, no Império Bizantino, pelo norte e pelo oeste, fluindo cada vez mais fortemente, à medida que aumenta o poder aquisitivo dos países do Ocidente que, por intermédio de Kiev e de Veneza, recorrem ao mercado bizantino.

Mas de onde a Europa bárbara, esgotada — ou quase — de ouro, no VII século, retira, a partir do IX, o ouro com que compra em Bizâncio suas mercadorias preciosas?

O contacto entre o mundo muçulmano e o Ocidente bárbaro realiza-se por dois feixes de rotas, de um lado e de outro do domínio bizantino: rotas do norte, na saída dos grandes mercados do Irã, da Mesopotâmia e da Armênia, em direção ao Mar Cáspio e aos rios russos e, daí, pela Polônia ou pelo Báltico e pelo Mar do Norte, rumo ao Ocidente germânico; rotas do sul, na saída dos centros urbanos da Síria, do Egito, da África do Norte, da Sicília, da Andaluzia, rumo à Itália, Espanha setentrional ou França meridional e, de lá, pelos desfiladeiros dos Alpes ou pelo vale do Ródano, para os países renanos. Tanto as rotas do sul como as do norte são ativamente percorridas pelos mercadores: mercadores escandinavos, nas do norte, venezianos ou amalfitanos, nas do sul, e, tanto em umas como em outras, comerciantes judeus.

Como é que, ao longo desses itinerários, se estabeleceu a balança comercial entre o mundo muçulmano e o mundo bárbaro? Os principais artigos de comércio que os países muçulmanos solicitam à Europa bárbara são: os escravos "saqâliba" (eslavos) e as peles da floresta russa, que constituem o essencial de um vasto tráfico que se realiza tanto em direção ao Oriente muçulmano, pelas rotas dos rios russos, como em direção ao Mediterrâneo muçulmano, pelas rotas da Espanha e da Itália; as armas fabricadas no Império Franco, que percorrem os mesmos itinerários; o estanho da Cornualha, que, pelo país dos francos, atinge a Espanha muçulmana ou Veneza e os portos muçulmanos; a madeira para as construções navais, que os venezianos extraem das florestas da Ístria e da Dalmácia e que introduzem na Ifríqiya e no Egito.

Já se assinalou a amplitude assumida pela exportação dos escravos eslavos para os centros muçulmanos do Oriente e do Ocidente, o fato humano profundo que ela representa e que é comprovado pela evolução semântica do termo designativo de eslavo, em todas as línguas orientais, nas quais acabou por significar o escravo por excelência ou o eunuco. Insistiu-se, também, em sua importância quantitativa: só para a cidade de Córdoba, sucessivos recenseamentos feitos por Abderramão III (912-961) ressaltam um acréscimo de dez mil *saqâliba* em cerca de cinqüenta anos. Não se acentuou, porém, suficientemente, a importância, em valor, desse tráfico e a enorme cobrança de ouro que o mesmo representava, em troca, para o Ocidente bárbaro. Mercadoria preciosa e muito procurada em todo o mundo muçulmano, os eunucos eslavos, as belas escravas, comprados nos mercados da Espanha, atingiam preços elevadíssimos: mil dinares e mais, como, em princípios do X século, nota o geógrafo Istahrî. Esse tráfico de escravos, que nossas fontes, tanto orientais como ocidentais, nos permitem fazer remontar ao fim do VIII século, era, no X século, a origem dos "imensos lucros", *immensum lucrum*, como diz Liutprando, que realizavam os mercadores de Verdun especializados nesse tráfico;



tal comércio fazia com que afluísse à Boêmia "o ouro que consigo traz a infelicidade", o *infelix aurum* censurado por Santo Adalberto de Praga; graças a êle, podia o principado de Kiev, verdadeiro Estado escravista, cunhar suas moedas de ouro.

As peles e o estanho eram, também, vendidos a preços muito elevados aos países muçulmanos que não os produziam. Quanto às armas e à madeira para as construções navais, tão procuradas, principalmente por países como o Egito, em que faltavam o ferro e as florestas, davam lugar a um verdadeiro comércio de contrabando, proibido pelas capitulares carolíngias, pelos éditos dos imperadores bizantinos e pelas bulas pontificais; comércio em que se corria grandes riscos, mas que era muito lucrativo, como todos os comércios ilegais: deixada a carga nos portos levantinos, voltava-se de leste com a bolsa cheia de ouro.

O Ocidente bárbaro, graças aos pedidos dos novos centros de consumo criados no Ocidente muçulmano, e, também, graças à abertura da rota comercial que, pelos rios russos, o põe, agora, em contacto com os velhos centros do Oriente muçulmano, torna-se novamente uma região exportadora, o que não mais era, desde o abandono de Roma por Constantinopla. Tem, daí por diante, mercadorias, e mercadorias preciosas, para oferecer a países que podem comprar-lhes, pois possuem ouro.

Em face dessas exportações, que o mundo bárbaro dirige para o domínio muçulmano, as importações que nele realiza apresentam volume e valor global muito menores. Consistem, essencialmente, em tecidos de luxo: *vela tyrea*, *panni alexandrini*, *spaniscum*, são têrmos que aparecem freqüentemente nos inventários das igrejas do Ocidente. Não nos esqueçamos, porém, de que muitos desses tecidos de origem muçulmana chegavam por intermédio do comércio bizantino-kieviano ou bizantino-veneziano, com exceção, certamente, do *spaniscum*, diretamente importado das oficinas espanholas.

A balança de comércio entre os dois domínios saldava-se, portanto, por um ativo a favor do Ocidente. Consideráveis quantidades de numerário muçulmano penetravam, sem compensação, na Europa bárbara.

\*  
\* \*

Essa conclusão é confirmada por um fato conhecido: a circulação das moedas muçulmanas na Europa Oriental e Setentrional, onde penetram pelas rotas dos rios russos, e na Europa Ocidental, em que entram por via mediterrânea.

Na Europa Oriental, o dirhem muçulmano substituiu o dirhem sassânida, que, no comêço do VII século, impusera a tradição do monometalismo prata a êsses países sem moedagem própria. Foram feitos achados muito numerosos e, muitas vêzes, consideráveis, de moedas muçulmanas de prata, do Mar Cáspio ao Báltico, na Escandinávia, nas Ilhas Britânicas e mesmo na Islândia. Significa isto que o ouro muçulmano não foi exportado em direção ao domínio do comércio escandinavo? Certamente que não: como em todos os países em que reina o monometalismo prata, o ouro é transformado em barras ou em jóias que circulam como mercadorias: foi importante, por essa época, o trabalho do ouro, em todos os países do Báltico; comprovam-no as coleções dos museus escandinavos. Mas nem todo o ouro drenado do Oriente muçulmano para os países do Norte pelo lucrativo comércio de escravos, de peles e de armas, era fundido e transformado em jóias: grande parte era reexportada para Bizâncio, em sua própria forma de dinares ou em forma de moedas kievianas, quando Vladimir, rompendo com a tradição iraniana do monometalismo prata, pôs-se a cunhar ouro, no fim do X século.

Na Europa Ocidental, o dinar muçulmano, sob o nome de *mancus*, substituiu, como moeda do grande comércio e como moeda unitária, o sôlido de ouro, que o Ocidente deixa de cunhar na segunda metade do VIII século. Por toda a parte, no Ocidente, tanto na Itália como na Espanha setentrional, na Gália como na Germânia ou na Inglaterra anglo-saxônica, o *mancus* circula, o *mancus* é empregado como expressão dos preços. Essa chegada de dinares provoca a baixa do valor comercial do ouro: a relação ouro-prata, que era de um por doze, na Gália, no fim do Império Romano, caíra a um por quinze e até mesmo muito mais baixo que nos últimos tempos do Reino Merovíngio; no século IX, volta, novamente, a um por doze. Permite, também, que o trabalho do ouro se desenvolva no Império Carolíngio: é com "ouro árabe", *auro arabico*, que foi decorado o relicário de São Vaast, em 852-853. De tal modo se tornou o dinar o instrumento privilegiado das trocas importantes, que os soberanos ocidentais, quando querem dar aspecto monetário ao ouro, imitam o tipo muçulmano, como atestam a moeda do rei Offa de Mércia (737-796), que reproduz o dinar cunhado, em 774, pelo califa abássida al-Mansur, ou os "tarins" *ad cruce*m (com cruz) emitidos no século XI pelas cidades italianas da costa tirrênica, que tinham por modelo o *roub'* siciliano. Notemos, todavia, que essa cunhagem de imitação jamais devia ter sido muito intensa, porque o ouro que penetrava no Ocidente, oriundo dos países muçulmanos, já se revestia de forma monetária: sob essa forma, circulava por toda a Europa bárbara; sob essa forma, servia para o pagamento das importações feitas nos mercados exteriores, nos mercados muçulmanos como nos da Rússia kieviana, de Veneza ou de Bizâncio.

A baixa do valor do ouro, produto importado, em relação à prata, produto indígena, o trabalho do ouro nos países escandinavos e no Império Carolíngio, a circulação do dinar na Europa Ocidental, assim como a do dirhem na Europa Oriental e Setentrional, a cunhagem de moedas de tipo muçulmano provam a realidade e a importância de um grande comércio de exportação do mundo bárbaro para o mundo muçulmano, e, em sentido contrário, a existência e a força da corrente monetária que a êle corresponde.

Graças a êsse afluxo de ouro, que há muito tempo já não conhecia, o Ocidente reconstitui, progressivamente, algumas reservas metálicas e recupera o seu poder aquisitivo em relação a Bizâncio. As importações provenientes do mercado bizantino — quase que completamente suspensas, no fim da época merovíngia, por falta de ouro, — recomeçam desde o início do século IX, e o seu volume irá aumentando, no X e XI séculos, à medida que a introdução de moedas muçulmanas se tornar mais intensa no Ocidente. Kiev e Veneza, como vimos, são as duas praças por onde chegam as mercadorias bizantinas, que são, de lá, redistribuídas por todo o Ocidente: o ouro que, em troca, por Kiev e Veneza, aflui para Bizâncio, é, na realidade, ouro muçulmano.

\*  
\* \*

Dêsse modo, o comércio exterior do Ocidente apresenta duas faces, distinção essencial em que ainda não se havia pensado: uma, de balança com *superavit*, no que se refere ao domínio muçulmano, e a outra, de balança deficitária, no que concerne ao domínio bizantino. Entrada de ouro de um lado, saída de ouro do outro: flui uma corrente monetária, através da Europa bárbara, dos países muçulmanos para Bizâncio. Pode-se, pois, falar de uma redistribuição de ouro muçulmano no Ocidente bárbaro e, por intermédio dêste, no domínio bizantino. As conseqüências dêsse fato são importantes.

E', a princípio, o aparecimento, no Ocidente, de rêdes de relações gerais nutridas pelo ouro, que caminha do domínio muçulmano para o domínio bizantino. No ponto em que confluem as correntes de ouro saídas do mundo muçulmano e as correntes de mercadorias que chegam de Bizâncio, iluminam-se os centros de onde renascerá uma economia de troca que se anuncia no século IX, fixando-se no X e afirmando-se no XI. Ao sul, progride Veneza; seu poder comercial e sua riqueza atingem, já no X século, uma fase de notável desenvolvimento. Ao norte, a Frísia, Flandres, os países renanos começam a desempenhar o papel de encruzilhada comercial privilegiada, pois será êsse, plenamente, o seu papel,

a partir do século XI. O renascimento carolíngio, o luxo da côrte dos Otônidas são, em larga escala, tributários dêsses filetes de ouro muçulmano que vêm animar certàs regiões, bem restritas, ainda, de um Ocidente que, por outro lado, permaneceu profundamente rural, dominial e bárbaro.

Em seguida, é o despertar econômico das regiões da Europa Oriental e Setentrional, que, até então, permaneceram fora das grandes correntes: o domínio do comércio escandinavo, da Rússia Meridional até ao Báltico e ao Mar do Norte, é inteiramente irrigado pelo numerário muçulmano; foi êle que depôs os germes de atividade e nutriu a rêde de relações comerciais que os hanseáticos renanos encontrarão e desenvolverão mais tarde.

Finalmente, é o progresso monetário e econômico de Bizâncio: o ouro muçulmano que para lá afluí, pelo norte e pelo oeste, compensa, e sobejamente, as saídas de numerário em direção ao leste. Graças a êle, pôde Bizâncio reassumir, em seu proveito, o papel de grande praça de trânsito entre o Oriente e Ocidente, a lucrativa posição de "pais-esponja" que, até o VII século, fizera a fortuna de suas províncias orientais, Síria e Egito. Sem o ouro muçulmano não se poderia compreênder a "segunda idade de ouro" da civilização bizantina, sob a dinastia da Macedônia.

\*  
\* \*

Assim, com as conquistas muçulmanas e com a conseqüente criação do vasto e poderoso domínio econômico, a repartição das áreas monetárias, sua densidade em ouro, o traçado e a direção das correntes que arrastam a massa metálica foram profundamente modificados, e também o próprio sentido da evolução, tal como se apresentava no VII século: a uma economia de que o ouro se retirava, traçado pelo abismo do entesouramento oriental, substituiu-se uma economia em que êle afluí. Intensifica-se a cunhagem do ouro e multiplicam-se as casas de cunho; aumenta o volume do ouro ativo e estende-se o domínio em que êle circula. O ouro dos tesouros orientais, devolvido à vida monetária, e o ouro novo, que chegava do Sudão, repeliram progressivamente, para leste e para oeste, o domínio da prata: vitória dos campos de ouro do Sudão sôbre as minas de metal branco do Irã Setentrional e da Europa Ocidental.

No VII século, o verdadeiro domínio do ouro, o do nomisma, está praticamente limitado à bacia oriental do Mediterrâneo. Desde o fim do VII século, porém, o *mancus* se espalha e é imitado no Ocidente bárbaro. No decorrer do IX século, a Mesopotâ-

mia e o Irã passam ao padrão ouro; o ouro é cunhado na Andaluzia, na Sicília. No X século, tornou-se o dinar a moeda dominante em todos os mercados do Oceano Índico; inicia-se, no principado de Kiev, a moedagem do ouro. No XI século, as cidades italianas do Mar Tirrênio imitam o tarim siciliano, e a Catalunha, o dinar cordovês. No século XII, Castela cunha moedas de ouro segundo o tipo muçulmano; alguns denários de ouro saem das oficinas imperiais ou episcopais dos países renanos. No século XIII, finalmente, as cidades da Itália Setentrional lançam nos mercados do Mediterrâneo e do Ocidente os seus ducados e florins. Este quadro cronológico resume as sucessivas conquistas do ouro muçulmano, metal ou moeda.

As novas províncias anexadas ao domínio do ouro são nutridas de metal precioso por correntes monetárias de traçado inteiramente novo. Ao movimento de fluxo e refluxo imprimido à massa metálica, de leste para oeste, pela conquista romana, e, depois, de oeste para leste, pela importação feita pelo Ocidente, e não acompanhada de equivalente exportação, de preciosas mercadorias do Oriente, a esse movimento linear e de sentido único, que não representava uma verdadeira corrente de troca, mas antes uma corrente de esgotamento alternativo de uma parte do mundo em proveito da outra, sucede-se agora um movimento circular. Uma dupla corrente de ouro foge do mundo muçulmano, penetra na Europa bárbara pelo sudoeste e pelo nordeste, vem confluír em Bizâncio, de onde parte novamente para o Oriente muçulmano. O circuito do ouro é fechado: do mundo muçulmano ao Ocidente, do Ocidente a Bizâncio, de Bizâncio ao mundo muçulmano. Fato de imensa importância na história da circulação monetária. E também um fato novo: pela primeira vez se empreende um sistema de circulação de tal amplitude, que interessa, ao mesmo tempo, ao Oriente, ao Mediterrâneo e a toda a Europa. O apêlo dos centros de consumo muçulmanos aos produtos da Europa bárbara, permitido pelo excedente de ouro exportável que os mesmos possuíam, eliminou a solução de continuidade que representava, para as correntes monetárias, o esgotamento econômico do Ocidente, privado, até então, de toda possibilidade de exportação. A vitória da moeda de ouro em todo o Oriente muçulmano fez com que desaparecesse o hiato existente nas correntes monetárias criadas pelo entesouramento e pelo monometalismo sassânidas. Tanto de um lado como do outro, o ouro muçulmano está na origem dessa radical transformação que se opera no traçado e na direção das correntes monetárias.

Mas o ouro que se evade do domínio muçulmano não volta inteiramente para êle. Uma parte permanece na Europa bárbara, outra, ainda mais importante, em Bizâncio, e, finalmente, uma terceira foge para fora do circuito, em direção ao Oceano Índico e à Ásia

Central. Esse ouro muçulmano, que se deposita nos domínios vizinhos, neles desempenha um papel ativo, um papel criador. E' uma parcela de força econômica, força proporcionada pelo ouro, motor do grande comércio, a qual é assim adquirida por esses países: despertar da Europa Setentrional, renascer do Ocidente, progresso de Bizâncio, desenvolvimento do comércio no Oceano Índico e na Ásia Central.

Essa perda de metal precioso empobrece a economia muçulmana? Não, enquanto os muçulmanos conservam o controle exclusivo de todas as fontes de ouro novo, enquanto podem, principalmente, garantir para si toda a produção das minas de ouro do Sudão, isto é, até o século XI. Até então, e a partir do VIII século, momento em que a moeda criada por Abd al-Malik se impôs como o principal instrumento das trocas internacionais, é o ouro muçulmano que reina de maneira absoluta em todas as rotas do grande comércio, séculos VIII a XI: a época do dinar e da supremacia econômica do mundo muçulmano.

Na História Monetária, ou melhor, na História Econômica mundial, as conquistas muçulmanas, que repuseram em circulação o ouro acumulado nos tesouros do Oriente e captaram o ouro do Sudão, tomam lugar entre as conquistas de Alexandre, que abriram ao mundo grego os tesouros aquemênidas e as minas da Ásia, e as conquistas espanholas, que trouxeram ao Velho Mundo o ouro e a prata da América.

*MAURICE LOMBARD*

Diretor de Estudos na Escola de Altos-  
Estudos (Sorbonne)